

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS ACERCA DO INTERNETÊS EM MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS

Gesualda dos Santos RASIA¹

ABSTRACT: This work aims to analyze how the writing known as internet slang is discoursed in the contemporaneous medias. So, in this space, we considered the (re)appearance of utterances related to the cavern era as metaphor of a supposed backspace on the subjects' relation with language. Interest to look at the meanings produced by these utterances while paraphrastics constructions, the affiliations they belong and the rupture that promote. The enunciating, subjects inscribed in the scope of make literary-journalistic, report, of a part, to the emergency of the internet slang, with their own marks, as change process inherent to the language; and, of other, as transgression that needs to be controlled. The analysis approaches, therefore, how the paraphrastics constructions produce the different discourses inscriptions and derive meanings about language and of their users. On the other hand, the internet slang is approached, in this study, how language that materializes an own discourse.

KEYWORDS: Internet slang; paraphrase; slips; language imaginary.

1. Introdução

Voltaire Schilling (1998) escreve que “nos finais do século 15, o jovem Desidério Erasmo (1466-1536), caminhando pelas ruas da sua Roterdã (...), teve sua atenção desviada para um pequeno pedaço de papel que boiava numa poça d'água. Sacudindo-o, ergueu-o para bem perto dos seus olhos e deparou-se com um milagre. Apesar do aguaceiro que caíra, as letras negavam-se a se desmanchar. Pela primeira vez em sua vida viu algo impresso. Foi assim, ao acaso, que o invento de Gutemberg apresentou-se ao humanista Erasmo, um dos mais famosos homens de letras do Renascimento”.

O relato desse fato histórico, ponto de ruptura entre um antes e um depois na tradição escrita, desfaz, de certo modo, o efeito de naturalização produzido em torno da escrita. Prática já tão apropriada pelo homem nas culturas letradas, mantém-se, contudo, como objeto de estudo, pela complexidade que representa e pela multiplicidade de interpretações a que reporta. Na passagem do tempo não passam despercebidas as mudanças de meios e suportes e ela ligadas. Chama a atenção a evolução dos meios, desde as inscrições nas cavernas, passando pela imprensa tipográfica e chegando aos registros digitais. Esse trajeto, em um primeiro olhar, aponta para a crescente sofisticação das mediações que o homem opera com o meio. No entanto, na abordagem aqui trazida, interessa pensar também acerca dos modos como a mudança nos suportes e meios de escrita alteram o estatuto da escrita e os modos de inscrição dos sujeitos nela e por ela. E, na esteira dessa reflexão, analisar como tal mudança de paradigma produz discursos acerca do que se pensar ser a produção escrita em língua portuguesa de parte dos jovens partícipes da era tecnológica. Para tanto, tomamos textos (enquanto peças de discurso) produzidos por escritores em língua portuguesa, em mídias jornalísticas, nos quais se observa a recorrência de um enunciado que reporta à relação entre o internetês e a linguagem “inaugural” das cavernas. Nesses discursos procuramos apreender como se dá a produção de sentidos, com os deslizos que lhe são constitutivos.

¹ Doutora em Teorias do Texto e do Discurso, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

2. O internetês em uma tomada discursiva

O objeto da AD é o discurso, instância situada no entremeio língua-fala, e que se manifesta na dispersão de textos e autores, vinculada às suas condições de produção. Espaço de análise que põe em relação a via do linguístico com a exterioridade que lhe é constitutiva, o discurso é tomado a partir de um modo peculiar de entrelaçamento das noções próprias ao campo teórico em questão. Conforme Orlandi (1996, p. 36-7), “a análise do discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito e do discurso e dos sentidos que (o) significam.” Nesse sentido, parto da noção de língua, para a AD, explicitando como, nesse entrelaçamento com o histórico, a exterioridade não se apresenta como um fora a que a linguagem deva ser correlacionada, mas parte do que é próprio da linguagem e de seu funcionamento. Reportar ao próprio de língua implica considerar que nela estão previstas a instância da estrutura e o que escapa a esta, o que irrompe como diferença, como impensado, não previsto. Aquilo que, em diferentes recortes, poderia ser lido como exceção, diferença, erro ou uso.

Com o objetivo de contrapor-se à noção de língua sistêmica, fazendo emergir o quanto os processos históricos estão implicados na língua, Orlandi (1990, p. 75) formula as noções de *língua imaginária* e *língua fluida*. Segundo essa autora,

a língua imaginária é aquela que os analistas fixam com suas sistematizações, e a língua fluida é aquela que não se deixa imobilizar nas redes dos sistemas e das fórmulas. (...) De seu lado, os modelos de sistematização, fundados nos estudos linguísticos (gramaticais), produzem suas obras, objetos-ficção não-contextualizados, que nós chamamos línguas-imaginárias (...).

O que se concebe, hoje, como *língua portuguesa*, é resultado de processos históricos que sedimentaram um uso considerado legítimo, em confronto com usos correntes, porém desautorizados, aqueles que não se encontram nos instrumentos linguísticos, ou que neles estão na condição de margens. No entanto, a língua é instância constitutivamente heterogênea, em que pese o efeito de unidade historicamente produzido. Uma das questões que despontam, diante disso, é como o sujeito usuário circula nessa instância de ambiguidade. Para pensar acerca disso, valem as palavras de Orlandi (2002, p. 42):

Um sujeito pode não estar incisivamente em uma ordem determinada de língua e nem por isso deixar de ter sua identidade configurada, justamente por essa mobilidade, essa plasticidade que o faz passageiro de várias ordens do símbolo. Esse é o próprio do sujeito (a sua itinerância), o próprio do sentido (o trabalho do equívoco), no próprio da língua, que é capaz de jogo.

A via de acesso para se perceber a produção do equívoco, neste estudo, é o espaço midiático, enquanto lugar a partir do qual se diz sobre as reconfigurações por que passa a língua face a sua emergência em suportes digitais de escrita e também o que se diz sobre seus usuários contemporâneos, inseridos no paradigma de ruptura promovido por tais tecnologias. Mais especificamente, usuários do chamado internetês.

Assim como cada comunidade comporta diferentes normas, e seus falantes, via de regra, circulam por esses diferentes campos, não sem conflitos e resistências, o internetês, no âmbito das modalidades de escrita na esfera digital, coloca-se como um modo de ocorrência específico, com regras e modos de funcionamento específicos. Cabe entender, então, como se constituem discursos acerca desse modo de escrita, procurando dar visibilidade a suas feições

políticas, às fronteiras que traçam entre os diferentes usuários, e mesmo aos possíveis espaços de ruptura. Haveria discursos que rompem com o engessamento de uma língua supostamente una e homogênea, indiferente às inovações?

Para tanto, o estudo estará embasado em pressupostos pecheutianos, na medida em que no âmbito da AD francesa considera-se que se diz a partir de uma determinada inscrição, identificando-se com determinado saberes e não com outros, produzindo silenciamentos, mas também rupturas, o que implica estar inscrito em uma determinada Formação Discursiva (FD), a qual comporta diferentes posições-sujeito. Conjunto de regularidades na ordem do dizer, orientadas por uma tomada da ordem do ideológico, “as formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas.” (ORLANDI, 2006, p. 17). Os enunciados, tomados como sequências discursivas (Sds), são representativos de conjuntos de forças que determinam o que pode e deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Vale dizer que a noção de Sd reporta ao princípio de não exaustividade, mas de recorte de enunciados.

Por não se tratar de uma instância homogênea onde todos dizem as mesmas coisas e do mesmo modo, a condição de existência de uma FD é a heterogeneidade. Para Orlandi (2003, p. 22), “a posição do sujeito é a configuração de um sítio de significância, um lugar de interpretação”. Esse postulado aciona o princípio da diferença, que oferece sustentação para o trato da constituição dos sujeitos e dos sentidos como historicamente dada. Em AD, reportar à história (ou historicidade, melhor dizendo), implica deslocar-se da dimensão cronológica, do eixo causa-efeito, para a perspectiva “da produção e mecanismos de distribuição de sentidos” (op.cit., p.9). Para a autora, “podemos mesmo dizer que o fato simbólico mais característico da historicidade é a interpretação”. Tomar sujeitos e sentidos como historicamente constituídos corrobora o fato de que as FDs não são homogêneas. O dizer pode sempre ser outro, ao passo que o mesmo pode ser encontrado na diferença

Gadet (2005) se pergunta acerca da existência de uma relação entre o modo de dizer e o que se diz: “diferentes grupos sociais dizem a mesma coisa dizendo diferentemente?” “as diferentes formulações, determinadas por diferentes posições enunciativas, reportam à produção de sentidos diferentes”? A autora propõe tais questionamentos no âmbito do deslocamento que produz na abordagem das variantes linguísticas, para que sejam pensadas além de uma mera relação causal grupo social/registros. Valemo-nos dessa tomada para nos propormos a pensar acerca da peculiaridade da escrita em suportes digitais, no sentido de refletir se tratar-se-ia apenas de um código diferenciado, próprio da velocidade inerente à pós-modernidade ou se consistiriam esses registros em novos modos de relacionamento dos sujeitos com a prática escrita.

Partimos do pressuposto de que a movência dos sujeitos por entre os sentidos aponta para sua constituição (dos sujeitos e dos sentidos), contraditória por essência, mas também para a possibilidade, via resistência, de singularização do sujeito, ao inscrever-se na ordem do inesperado, neste caso, na ordem da língua fluida. Isto porque “as formações discursivas determinam uma posição, mas não a preenchem de sentido. As formações discursivas são constituídas pelas diferenças, pelas contradições” (ORLANDI, 2003, p.13) E, ainda, “O sujeito tem um espaço possível de singularidade nos desvãos que constituem os limites contraditórios das diferentes formações discursivas” (p.12)

Para buscar entender o que se diz sobre o internetês e seus usuários e os sentidos produzidos por esse dizer, entendemos ser pertinente reportar às condições de produção acerca dos saberes sobre a tradição escrita. Para tanto, reporto a tomada feita em RASIA (2008), acerca da escrita postulada por Higounet como sendo mais que um mero instrumento, e que concorre, em nossos dias, com a escrita convencional, impressa no papel, de parte da reprodução em disco ou fita magnética, meios alternativos de fixação da linguagem. O autor

considera também sua natureza, enquanto “procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a imagem articulada, por essência fugidia (...) a qual, mesmo emudecendo a palavra, não apenas a guarda, mas realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade” (HIGOUNET, 2003, p. 9). E, acrescentamos, mobiliza e desencadeia a possibilidade de pensamentos outros, dado estar sujeita à condição de interdiscursividade, própria de todo dizer, seja ele oral ou escrito. Para o referido autor, ela é bem mais que um instrumento, na medida em que, ao transcrever o pensamento, organiza-o, razão por que pode ser considerada, segundo Higounet, *uma linguagem*.

É sobre o internetês enquanto uma linguagem própria que queremos debater um pouco. Na medida em que se manifesta enquanto identificadora de grupos específicos, no caso, preponderantemente jovens, e, ao mesmo tempo, lugar de resistência ao instituído, o internetês apresenta-se como linguagem que não apenas delinea diferenças de código, mas representa uma determinada posição acerca do que a linguagem representa enquanto inserção social e, por isso, pode ser considerada, conforme já afirmado, uma discursividade.

3. A construção imaginária do que é a língua portuguesa: o percurso de uma repetibilidade

Para pautar um dos campos de discursivização acerca do imaginário de língua constituído a partir do que se diz sobre o internetês e seus usuários, selecionamos quatro peças de discurso em circulação em mídias (impressas e online), nas quais incide o reaparecimento de uma formulação que reporta à metáfora da redução do “empobrecimento” da linguagem (oral e escrita) como retorno à era das cavernas. Trazemos, ainda, uma quarta peça de discurso, também emergente na mídia, na qual também há a emergência dessa figura, porém, com relação ao uso da linguagem em sentido amplo, e não apenas na esfera digital. Todos os enunciados foram produzidos por sujeitos filiados ao fazer literário, representantes, portanto, de uma saber-fazer socialmente reconhecido e autorizado. Por extensão, autorizados a dizerem sobre a língua e seus usuários. E, ao dizerem deste lugar, constituem-se formadores de opinião que cooperam para a sedimentação de um imaginário social a cerca da língua. Apresentamos, a partir de agora, os excertos em que tais enunciados apareceram, e a seguir dou início à discussão acerca da relação paráfrase x polissemia.

Orlandi (1983) postula a constituição dos sentidos na confluência da paráfrase e da polissemia. A noção de paráfrase, emergente no campo dos estudos linguísticos na década de 60, segundo historia Fuchs (1985), já aí mesmo sendo recoberta por um campo de divergências, dado que, enquanto objeto de análise, reporta a caracterizações divergentes e opostas, até. Uma das dimensões apontadas pela autora acerca da paráfrase e que nos interessa de perto é a perspectiva discursiva, na qual a paráfrase é concebida como reformulação:

A tradição retórica e literária têm, desde sempre, abordado a paráfrase no plano do discurso, como uma atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto segundo (FUCHS 1985, p. 133). Mais do que isso, a autora postula a paráfrase como *atividade de interpretação prévia do texto-fonte*:

Ora, o trabalho de interpretação é variável, segundo os sujeitos e as situações: cada um “percebe” e, conseqüentemente, restaura o texto de modo diferente. Essas divergências se devem não só à ambigüidade intrínseca de algumas expressões, mas também e sobretudo à multivocidade inerente a todo texto (as operações de construção de enunciados comportam sempre uma margem de “jogo”, donde os deslocamentos, os deslizos e as diversas ponderações na decodificação), à pluralidade de níveis de decodificação (...) (op.cit., p. 134).

Destacamos, no postulado por Fuchs, o caráter intrinsecamente ambíguo da língua, e a consequente exposição ao jogo, perspectiva essa igualmente adotada por Pêcheux (1990, p. 54), quando este autor afirma que “toda sequência de enunciado é, pois, linguisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada de pontos de deriva possíveis [...] deslizamento, efeitos metafóricos oferecendo lugar à interpretação”. Eis a contra-face da paráfrase: a polissemia, na medida em que a paráfrase, enquanto substituição, não se limita a tal, mas aponta para a possibilidade do sentido-outro, a partir da tensão gerada entre o mesmo e o diferente. No caso em questão, os enunciados mobilizados, os quais reportam à era das cavernas, tem os sentidos acerca da língua voltados para diferentes direções, segundo as posições representadas pelos sujeitos que enunciam, conforme veremos a seguir.

E1 O alfabeto tem 21 consoantes, se contarmos o K, o Y e o W. E apenas cinco vogais. Perdê-las é uma metáfora da miséria humana. Cada dia abandonamos as poucas coisas em nós que são abertas e pronunciáveis. *Daqui a pouco vamos apenas rugir. Grrrrrrr. E voltar para a caverna de onde todos viemos.* (Martha Medeiros)

E2 A língua, como os costumes, a vida, a sociedade e as culturas, no bom e no negativo, segue uma evolução que independe de nós, dos moralistas, dos puristas, dos gramáticos, dos donos da verdade, dos que seguram o facho da razão numa das mãos e na outra o chicote da censura. Nem tudo o que é novo é positivo, nem tudo o que é tradicional é melhor. *Ou ainda acenderíamos fogo esfregando pedrinhas, no fundo obscuro de alguma caverna.* (Lya Luft)

E3 *Algo deve ser feito antes que retornemos à futura e previsível fase dos grunhidos e dos desenhos rupestres.* Essa tarefa, além de cruzar pelo necessário incremento de nosso nível de vida, transita pela sala de aula, pelo giz e pelo quadro-negro. E, óbvio, por professores públicos remunerados com justiça. (Luiz Antonio de Assis Brasil)

E4 E cada vez temos menos palavras, cada vez usamos menos palavras. No tempo em que nós vivíamos nas cavernas e não conhecíamos nem os verbos nem os substantivos, mas fazíamos hó – he- hó, com isso nos entendíamos, suponho eu que nos entendíamos. (...). *Parece que estamos num processo de involução, em que estamos a voltar às cavernas.* Se calhar, qualquer dia estamos, enfim, para dizer a uma mulher que se gosta dela, somos capazes de dizer: ih, ho. E ela ficará muito contente porque lhe disseram, desta maneira, um pouco estranha, que é amada. (José Saramago)

Vale dizer que na perspectiva discursiva não está em causa, na reconstituição dos processos parafrásticos, a identificação do chamado “texto-fonte”, dado que se trabalha com a dispersão dos dizeres no continuum dos discursos. Alguns lugares de enunciação podem ser postulados como efeito de fundação, até a reconstituição de um novo trajeto na busca. A metáfora da escrita como retorno à era das cavernas recupera um domínio de memória que comporta saberes da tradição ocidental acerca da constituição da linguagem escrita e falada. É sabido que as primeiras formas de comunicação escrita da humanidade deram-se na Pré-História, por meio de desenhos rupestres (feitos nas paredes das cavernas), a partir dos quais houve uma evolução paulatina para símbolos, o que acabou por constituir o sistema de escrita atual. Sobre a linguagem humana, uma das posições acerca de sua origem afirma que ela

derivou de grunhidos produzidos pelo homem da era das cavernas, evoluindo, como a escrita, vindo a constituir-se no complexo sistema de que dispomos hoje².

Nos quatro enunciados elencados neste estudo faz-se presente a remissão à era das cavernas na perspectiva da evolução por que passou a linguagem humana. A metáfora constitui-se como ponto de ancoragem para a reflexão acerca das feições que assume contemporaneamente a linguagem. Contudo, não se está a dizer sobre o mesmo nos diferentes enunciados. Estamos, a partir de Pêcheux (1988, p. 65), diante do fato de que “as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”.

Na linkagem com o domínio de memória, um ponto de convergência: em todos os enunciados, o retorno às cavernas é visto como involução, retrocesso. O deslize dos sentidos, derivado das diferentes inscrições dos sujeitos que enunciam, diz respeito ao sentido mesmo de involução. Num sentido x, involuir é aderir ao internetês como modo de escrita, enquanto que num sentido y, a involução está precisamente no oposto disso: no não reconhecimento das possibilidades dos novos modos de escrita.

E1, enunciado no contexto da morte de um adolescente, em Porto Alegre (RS), fruto de uma briga em um posto de gasolina, a qual começou em um chat, relaciona o contexto da violência ao empobrecimento da linguagem, produzindo a síntese dos dois aspectos na metáfora da “miséria humana”. Miséria humana simbolizada na perda da linguagem, no suposto retorno a uma condição animal.

Já em E2, encontramos uma posição antagônica em relação àquela representada por E1, na medida em que vê o manter-se na era das cavernas como resultado da dificuldade de aceitar o fato de que a linguagem, assim como as pessoas, muda, se transforma. E mais, nesse enunciado é debitado o lugar de resistência à mudança ao âmbito da regulação, da gramática enquanto lugar de preservação e conservadorismo. A perspectiva dos novos modos de escrita como acesso a uma multiplicidade de códigos é recorrente em muitos enunciados filiados a essa mesma posição em discursos contemporâneos.

Em E3, o contexto de enunciação não é o da escrita nos suportes digitais, mas a escrita em sentido mais abrangente. Os problemas comumente encontrados na produção escrita (e também oral) de sujeitos que deveriam ser proficientes, porque escolarizados. A emergência da mesma metáfora, a do retorno às cavernas, aí, inclusive, colocada como “previsível”, levamos a pôr em causa a visão de catastrofismo debitada ao âmbito da escrita digital: o ressoar do mesmo no rearranjo semântico-sintático (*Daqui a pouco vamos apenas rugir. Grrrrrrr. E voltar para a caverna de onde todos viemos / Algo deve ser feito antes que retornemos à futura e previsível fase dos grunhidos e dos desenhos rupestres.*) diz, antes de tudo, sobre uma expropriação dos usuários em relação à sua língua-mãe.

Também no âmbito dos usos mais abrangentes da linguagem, inclusive orais, em E4 o mesmo – o retorno às cavernas –, numa relação de aliança com E2, aponta para o sentido-outro, instaurando a polissemia, na medida em que postula o princípio do fazer-se entender, quer seja com poucas ou muitas palavras. Num gesto analógico, pode-se pensar, nessa perspectiva, o quanto a linguagem em ferramentas de comunicação instantânea, por exemplo, produz-se em condições de legibilidade, em que pesem abreviações e a associação com

² Na tradição bíblica, o homem é feito enquanto ser de linguagem desde o princípio, a partir do que lhe é outorgado o ato de nomear as coisas, conforme relato do Gênesis, cap. 1, in Bíblia de estudo Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

símbolos em geral. Efetiva-se, vale dizer, entre seus usuários, que aí passam a constituir-se quase como tribos, e disso a razão de terem linguajares próprios.

4. Considerações Finais

As reflexões até aqui feitas possibilitam-nos pensar sentidos múltiplos acerca do que se diz sobre a escrita em suportes digitais. Considerada, na perspectiva pecheutiana, enquanto gesto que diz sobre seus sujeitos, para além de mero instrumento de comunicação, a escrita, prática já tão naturalizada nas sociedades letradas, adquire formas de inscrição próprias, as quais tecem lugares de pertencimento e de exclusão, ou ainda lugares fronteiriços, em cuja borda os sujeitos situam-se. Esses lugares instauram-se a partir de uma outra tessitura, tramada pelos fios de uma memória que é principalmente histórica, porque pode se ressignificar em diferentes atualizações de um mesmo dizer.

Chartier (1999) defende a escrita contemporânea como *corte*, *fratura*, porque “o objeto escapa à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, abordar o livro”. (op. cit., p. 12). A idéia de *corte* pode ser entendida como ruptura em relação ao que a leitura e a escrita significavam, e nos auxilia a pensar na escrita digital na perspectiva de uma mudança de paradigma que reporta a deslocamentos no modo como os sujeitos se relacionam com a escrita, de modo não evidente. Essa não evidência reporta ao que a AD explicita como não transparência dos sentidos, de parte da linguagem, e também ao sujeito como atravessado pelo inconsciente, que faz com que as coisas apresentem-se-lhe como evidentes, quando não o são.

No ciberespaço, as palavras e seus sentidos vão se constituindo no gesto de teclar, o qual implica duas rupturas, no nosso ponto de vista: a já referida anteriormente, que diz respeito à relação do sujeito com as estratégias de escrita e também aquela que se constitui em relação à materialidade escrita em si. Esse último aspecto concerne, entre outras coisas, à própria redefinição da noção de palavra³, daí porque a preocupação com o “desaparecimento das vogais”, enunciado em E1, pode ser relativizada. Para além do micro-universo da palavra, a escrita digital chama a pensar também em torno de sua macro-organização, dadas as possibilidades que se abrem para recortes, colagens, armazenamentos, retornos, refacções, linkagens. Tudo isso reporta a um outro modo de se relacionar com a escrita, muito mais visivelmente dada à interdiscursividade, noção essa definida por Pêcheux como a rede que constitui os dizeres, a partir de uma sempre anterioridade, um *já-la* passível de se tornar outro a cada atualização.

Essa maleabilidade possibilitada pela modalidade digital da escrita diz sobre uma realidade mais ampla, em que a linguagem em si materializa a instantaneidade do mundo moderno, apresentando-se mais telegráfica, econômica, sem, contudo, deixar de dizer. Contudo, reconhecer isso significa reconhecer que os sujeitos, enquanto usuários legítimos da língua, permitem-se o lugar da ressignificação do simbólico. E essa posição é diametralmente oposta àquela em que se preconiza, por exemplo, o “fim da história” em termos de linguagem, levantando as mesmas bandeiras já levantadas para salvar algumas espécies de animais em extinção. E o mais interessante, é que esses dois modos de conceber a prática de escrita, divergentes, parecem dizer o mesmo. Apenas parecem.

³ A redefinição da noção de palavra no âmbito da escrita digital é abordada em Rasia (2008).

Anexos

Salvem as vogais

O que pode ser mais miserável do que uma pessoa faminta, sem teto, sem futuro, sem saúde? Sabemos que não são poucos os miseráveis do país, mas às vezes esquecemos da quantidade também imensa de miseráveis que está em nossa órbita, cuja barriga não está vazia, mas a cabeça, totalmente.

Acompanhei a transcrição dos chats que foram divulgados pela imprensa, para que se saiba mais sobre o que aconteceu com aquele rapaz que morreu num posto de gasolina, depois de uma briga. Lula nem precisava levar os ministros para o Nordeste para que eles conhecessem a pobreza extrema, bastaria que entrassem numa sala de bate-papo virtual. Miséria psicológica também atola um país. Dependendo da escolha do assunto, é possível encontrar na internet conversas que fazem sentido, com frases que têm começo, meio e fim, mas na maioria das salas o que costuma rolar é um papo furado da pior qualidade, com altos teores de vulgaridade e agressividade. Um bando de seres abreviados, tal como escrevem. Um miserê de dar medo. A fome de pão e leite tem que ser saciada com urgência, mas nossa miséria é mais ampla e se manifesta de várias maneiras, não só através da perda de peso e dos ossos aparecendo sob a pele. Miséria é perda de discernimento. Perda de amor-próprio. Perda de limites. Até perda de vogais: vc q tc cmg? Normal: códigos de internautas.

Mas me diz se não é o retrato da penúria? Eu vejo miséria por todos os lados, em todos os andares dos edifícios, dentro dos carros, fora deles, em portas de escolas e dentro delas, do lado de fora da nossa casa e também ali comodamente instalada, miséria espiritual, miséria afetiva, miséria intelectual, indigências que tornam o ser humano cada dia mais tosco e bruto. Eu sei que a vida é assim mesmo, que os tempos são outros, que não adianta vir com moralismo e com este papo de que a família tem que participar mais da vida dos filhos, nada adianta, o rio vai seguir correndo para a mesma direção. Eu sei. Mas não me conformo.

O alfabeto tem 21 consoantes, se contarmos o K, o Y e o W. E apenas cinco vogais. Perdê-las é uma metáfora da miséria humana. Cada dia abandonamos as poucas coisas em nós que são abertas e pronunciáveis. Daqui a pouco vamos apenas rugir. Grrrrrr. E voltar para a caverna de onde todos viemos.

(MEDEIROS, Martha. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre: Grupo RBS 19/03/2003).

Os novos códigos

Linguagens são códigos, e com eles nos comunicamos. Vivemos segundo alguns, também, na vida diária. Segundo códigos de ética que no momento são objeto de verdadeira guerra entre nós. Se de um lado andamos de cabeça mais erguida nestes dias, porque ao menos um passo foi dado e temos quatro dezenas de réus em falcatruas variadas e graves, paira ainda certo receio de que tudo seja turvado por interesses políticos e artimanhas de compadres. Mas estamos mais esperançosos de que a verdade e a Justiça culpem os culpados e absolvam os inocentes.

Isso dito, vamos ao código que aqui me interessa, o da linguagem. O da comunicação, que na verdade é múltiplo, é muitos. Linguagem de cegos, linguagem de surdos, linguagem de namorados, as linguagens das famílias – em que determinadas palavras evocam cenas hilariantes ou tristes. Linguagens técnicas, linguagens profissionais, o jargão dos médicos, dos advogados, que precisa eventualmente ser traduzido para o comum mortal. Sem falar na linguagem das siglas que dominam o mundo, para as quais até dicionários já existem. E a linguagem técnica ligada às mais variadas ciências e meandros do universo tecnológico, no vasto e interessantíssimo leque das nossas capacidades e curiosidades.

Agora, surge uma preocupação com a linguagem abreviada e de caráter fonético usada em mensagens de computador, como nos chats. Os catastrofistas, de cabelo em pé, empunham a vassoura da faxina crítica. O receio é que os jovens, usando desse recurso que tem a ver com velocidade e economia, haveriam de

desaprender, ou nunca aprender direito, o código do próprio idioma escrito. Receio infundado: somos capazes de dominar, na fala e na escrita, várias linguagens ao mesmo tempo e transitar entre elas com habilidade e até elegância em certos casos. Na escrita, lembrem-se, não há perigo de sotaque. Se pudéssemos dominar apenas um sistema de sinais escritos, aquele que aprendesse taquigrafia haveria de cometer mais erros de ortografia. Longe disso. Ao contrário, acredito – e os linguistas talvez confirmem – que, de quanto mais recursos dispomos, melhor os usamos em cada ocasião.

Linguagem é a roupa da mente: não falamos em casa como falamos num discurso em ocasião solene nem falamos numa entrevista para conseguir emprego como falamos brincando com nossa turma na escola. E não falamos com um bebê de 2 anos como falamos com o médico ao qual estamos expondo nossos males. Somos melhores do que se pensa, mais hábeis e mais capazes, embora em geral a gente não tenha nem dê essa impressão de nós mesmos. Escrever com abreviaturas, siglas, formas enigmáticas aos desavisados é apenas uma maneira divertida, rápida, inteligente, econômica, criativa e, sim, um pouco secreta de estabelecer e cultivar laços cibernéticos, que podem confirmar amizades já existentes (falo com amigos distantes mais frequentemente do que com o que mora no mesmo edifício) ou abrir a porta para novas relações. Que nem sempre são o lobo mau, embora crianças devam ser controladas e alertadas para doenças como pedofilia e outros males nesta nossa enferma sociedade. Conheço casais felizes que se encontraram num chat, e casais extraordinariamente infelizes que conviveram desde a adolescência.

É preciso dar uma chance às novidades e inovações, em lugar de criticar de saída ou prevenir-se contra, como se tudo o que é novo fosse primariamente mau. É como se fora da língua culta, a língua-padrão que é e deve ser usada em momentos mais sérios, todas as demais formas de comunicação fossem espúrias. Não sejamos chatíssimos senhores com odor de naftalina, ou damas enfiadas no espartilho do preconceito: sem ginga, sem alegria, sem abertura para o novo e o bom, por isso mesmo sem discernimento para o verdadeiramente mau.

Além de tudo, a língua, como os costumes, a vida, a sociedade e as culturas, no bom e no negativo, segue uma evolução que independe de nós, dos moralistas, dos puristas, dos gramáticos, dos donos da verdade, dos que seguram o facho da razão numa das mãos e na outra o chicote da censura. Nem tudo o que é novo é positivo, nem tudo o que é tradicional é melhor. Ou ainda acenderíamos fogo esfregando pedrinhas, no fundo obscuro de alguma caverna.

(Lya Luft, *Veja*, São Paulo: Ed. Abril 12 de setembro de 2007).

Língua portuguesa

Algo muito perturbador está acontecendo com nossa educação básica, que não habilita os brasileiros a expressarem-se no idioma nacional.

Sabe-se o quanto somos criativos. Nos meios acadêmicos lusitanos é louvável nossa capacidade de acrescentar à língua comum uma torrente incessante de neologismos. Tais alterações idiomáticas são necessárias à atualização da cultura. Por obra dessa criatividade acontecem os vocábulos da moda, que vivem por um semestre e logo são substituídos. Em contrapartida, há os que se cristalizam nos dicionários, daí resultando um belo acervo de palavras, capaz de dar conta dos mais sofisticados pensamentos. As mutações lingüísticas, portanto, não constituem problema.

O real problema está no aumento do número de pessoas que não conseguem organizar uma idéia. É constrangedor, nas reportagens de tevês e rádios, a indigência vocabular e sintática dos nossos concidadãos. As declarações dadas aos repórteres são incoerentes e obtusas, e quando não, completamente incompreensíveis. Abusamos dos adjetivos genéricos, do tipo “maravilhoso”, “sensacional”, “fantástico” etc., que, por sua amplitude, não dizem nada e dos hiperbólicos verbos “odiar” ou “adorar” que pasteurizam e nivelam as complexas gradações dos sentimentos humanos.

Já quanto à língua que escrevemos – bem, aqui penetramos no terreno da catástrofe. Não me refiro à enxurrada dos equívocos ortográficos. (A propósito, entre os lamentáveis desastres que acontecem nas estradas gaúchas estão as placas de sinalização do trânsito.) Assustam, mais que os tropeços da ortografia, os desacertos elementares de estruturação da frase, as impropriedades semânticas e os desvios de regência que resultam em truncamento do sentido.

Aí estamos num domínio sério, pois diz respeito à vida social, que, como se sabe, expressa-se em palavras – e delas depende para subsistir.

Tais enganos poderiam decorrer apenas da crônica impossibilidade de acesso aos estudos regulares, causada pelas circunstâncias desfavoráveis da nossa distribuição de renda: o povo cuja maioria está preocupada em comer no dia seguinte, esse povo não pode pensar na colocação de um pronome. A questão realmente perturbadora é que mesmo entre diplomados o problema persiste. Falem os juízes que lêem certas petições iniciais, falem os avaliadores de provas de concursos. Quando certos oradores levantam-se e puxam um papel, eu tremo à raiz dos cabelos. São Pessoas a quem não falta a universidade, mas o curso primários.

Algo deve ser feito antes que retornemos à futura e previsível fase dos grunhidos e dos desenhos rupestres. Essa tarefa, além de cruzar pelo necessário incremento de nosso nível de vida, transita pela sala de aula, pelo giz e pelo quadro-negro. E, óbvio, por professores públicos remunerados com justiça.

Aí, sim, nossa louvada criatividade poderá dar resultados valiosos. Antes, é essa calamidade que se lê e se escuta por aí, a que chamamos com a maior naturalidade e sem pudor algum de língua portuguesa.

(Luís A. de Assis Brasil, *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre: Grupo RBS, 18/04/2004)

Língua: vidas em português

Nós falamos e usamos tudo isto: os substantivos, verbos, os adjetivos, as conjunções. Tudo, digamo-lo, usamos como se isso tivesse existido sempre. A linguagem passa, passou, com certeza, digamos de um estágio rudimentar e pouco a pouco veio se tornando mais complexa. Veio sendo capaz de exprimir sentimentos, emoções. O que significa que quanto mais palavras conhecemos, mais somos capazes de dizer o que pensamos e o que sentimos. No século XVII houve um homem chamado Antônio Vieira. Padre Antonio Vieira, que viveu no Brasil, que defendeu os índios, foi diplomata, foi orador. Diz ele o seguinte: “são as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de terem de durar pouco, que terem durado muito.” Ora bem, isso pode dizer-se de uma maneira muito mais simples: “As vidas e as afeições, os afetos, os amores, quanto mais tiverem durado, mais tiverem durado, mais perto estão de deixar de durar.” Devemos nós falar de uma maneira tão complicada na nossa comunicação cotidiana? Provavelmente não, claro... mas talvez nessa época o modo de comunicar-se era muito mais rico de expressão do que é hoje. E cada vez temos menos palavras, cada vez usamos menos palavras. No tempo em que nós vivíamos nas cavernas e não conhecíamos nem os verbos nem os substantivos, mas fazíamos *ho – he- ho*, com isso nos entendíamos, suponho eu que nos entendíamos. E foi com esses sons iniciais, primitivos, que foram construindo a linguagem. Os idiomas, as línguas, tudo isso foi construído assim. Parece que estamos num processo de involução, em que estamos a voltar às cavernas. Se calhar, qualquer dia estamos, enfim, para dizer a uma mulher que se gosta dela, somos capazes de dizer: *ih, ho*. E ela ficará muito contente porque *lhe* disseram, desta maneira, um pouco estranha, que é amada.

(SARAMAGO, José. Excerto transcrito do documentário *Língua: vidas em português*, produção Brasil-Portugal, com roteiro de Ulysses Nadruz e Victor Lopes e direção de Victor Lopes, 2004).

Referências

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.
- FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 8, p 129-134. Campinas: São Paulo, 1985.
- GADET, Françoise. 1977: Sur un moment-clé de l'émergence de la sociolinguistique em France. In: *Cahiers de quelques de l'ILSL*, n. 20, Paris, 2005, p.127-138.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ORLANDI, Eni. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P. e LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org). *Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006. (Coleção Introdução às ciências da linguagem).
- _____. "A leitura proposta e os leitores possíveis". In: ORLANDI, Eni P. (org). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- _____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- _____. *Terra à vista*. São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.
- RASIA, G. S. A escrita digital: espaço intervalar de subjetivação. *Desenredo (PPGL/UPF)* v. 3, p. 227-244, 2008.
- SCHILLING, Voltaire. Livro, o instrumento do homem. In: *Zero Hora*, Porto Alegre: RBS, 20/10/98.